

**ESTUDO DA SUBJETIVAÇÃO E INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS CORPOS NA  
OBRA ROUTLEDGE HANDBOOK OF PHYSICAL CULTURAL STUDIES**  
*STUDY OF SUBJECTIVATION AND INSTITUTIONALIZATION OF BODIES IN THE  
ROUTLEDGE HANDBOOK OF PHYSICAL CULTURAL STUDIES*

**João Paulo Marques<sup>1</sup>**  
**Ariane Boaventura da Silva Sá<sup>2</sup>**  
**Larissa Michelle Lara<sup>3</sup>**

## **Introdução**

A coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por David Andrews, Michael Silk e Holly Thorpe (2017), foi resultado da união de esforços de diversos pesquisadores, situados em diferentes países e continentes ao redor do mundo, a fim de consolidar as discussões presentes nas últimas décadas no interior do campo de estudos conhecido como *Physical Cultural Studies* (PCS). Como objeto de investigação proposto para esse estudo, motivamos a análise dessa coletânea e das contribuições advindas das distintas perspectivas que se propõem a debater os corpos subjetivados e institucionalizados na relação com a cultura física.

Em linhas gerais, a coletânea mencionada foi desenvolvida com o intuito de informar a comunidade acadêmica a respeito das recentes pesquisas e abordagens mobilizadas pelo PCS. Caracterizando-se como um campo de “tensões, debates, políticas e posições teórico-metodológicas peculiares” (LARA *et al.*, 2018, p. 1), o projeto PCS, originado em países de língua inglesa, na década de 1990, desdobra-se da articulação entre os Estudos Culturais, surgidos na Inglaterra no período pós-guerra, e das lutas disciplinares nos departamentos de Cinesiologia, ocorridas nas últimas décadas, nos Estados Unidos (LARA *et al.*, 2018). Assim, o PCS constitui-se como campo

---

1 Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduado em Licenciatura em Educação Física pela mesma instituição. É pesquisador integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/DEF/UEM/CNPq) e do Grupo de Estudos Foucaultianos (GEF/PLE/UEM/CNPq). E-mail: a.marques.jp@gmail.com

2 Mestre e Doutoranda em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL, na área de concentração Práticas Sociais em Educação Física, e professora graduada em Licenciatura Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). É pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/DEF/UEM/CNPq). E-mail: ariane.boaventura@hotmail.com

3 Doutora em Educação e Mestre em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. É professora Associada no Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e docente no Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM-UEL. Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade (GPCCL/DEF/UEM/CNPq). E-mail: laramlara@hotmail.com

emergente que resulta de esforços de pesquisadores humanistas preocupados com abordagens que envolvam o corpo no contexto da cultura física (INGHAN, 1997).

Os pesquisadores orientados no campo dos Estudos Culturais Físicos – forma como o PCS vem sendo referido em língua portuguesa (FULLAGAR, 2019; LARA, 2019; MARANI, 2019; MARQUES, 2019; SÁ, 2019; LARA; RICH, 2017) – encontram-se vinculados a universidades de diversos países do mundo (Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, Canadá, Nova Zelândia, Suécia, Japão, China, Itália, Brasil) e discutem o envolvimento do corpo com as relações de poder por meio da cultura física.

Nesse campo de estudos, a cultura física é entendida como a expressão do corpo analiticamente reconhecido como central, sendo ele expresso pelos pesquisadores desse campo como *active* ou como *(in)active*, ou seja, o corpo é representativo dos modos como o ser humano percebe, sente, aprende, movimenta-se, expressa a si mesmo, comunica-se e interage com a realidade, além dos modos como atribui significado às suas experiências e práticas e como se relaciona com as estruturas de poder social, por meio dessas práticas (ANDREWS, 2008).

O universo da cultura física, portanto, contempla uma amplitude de formas de manifestação da fisicalidade do corpo, entre as quais estão presentes os conteúdos da educação física brasileira, tais como hábitos de saúde, esporte, atividades de academia, dança, ginástica, entre outras práticas corporais. Nessa direção, ressaltamos a importância de uma concepção ampliada da ‘fisicalidade’ para incursões nesse campo investigativo, reconhecendo sua dimensão *embodiment*<sup>4</sup> e reafirmando a fisicalidade na cultura física a partir da pluralidade de possibilidades de experienciar e de expressar as relações estabelecidas entre corpo e realidade (GIARDINA; NEWMAN, 2011).

A fluidez e a dinamicidade da categoria “física” expressam, ainda, a natureza da própria cultura física como *locus* empírico articulado a diversos níveis possíveis de experimentações da realidade e que, por sua complexidade, são passíveis de análises em perspectivas variadas, incluindo processos socioestruturais, relações simbólico-discursivas, institucionais, coletivas, comunitárias, afetivas e subjetivas (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017). Não obstante, alguns níveis de complexidade desse *locus* foram abordados e organizados nas nove sessões que compõem a coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, que nos convida a conhecer os

---

4 O termo *embodiment* diz respeito a uma percepção do sujeito em uma dimensão holística, entendido como uma unidade afetivamente relacionada em níveis de matéria, desejo, consciência, emoção e subjetividade do corpo. *Embodiment* é um termo complexo, sem a existência de uma palavra específica na língua portuguesa que consiga dimensioná-lo. Em linhas gerais, pode ser compreendido como um corpo vivido, experimentado, incorporado (LARA, RICH, 2017).

caminhos pelos quais o PCS busca enfrentar o corpo e a cultura física, perpassando por perspectivas praxiológicas, inter e transdisciplinares, teóricas e reflexivas, entre outras.

Assim, entre os caminhos possibilitados pela referida obra para o enfrentamento do corpo e da cultura física na perspectiva do PCS se encontram as partes que tratam dos corpos ‘subjativados’ e ‘institucionalizados’, para as quais se voltaram nossos esforços analíticos, no intuito de problematizar o corpo em seu envolvimento cultural físico e de identificar aportes teórico-investigativos para abordagens amplas, plurais e empiricamente contextualizadas em suas dimensões tecnológica, econômica, social e política. Essas duas partes reúnem quinze capítulos, nos quais o corpo e a cultura física são problematizados em meio a questões de classe, raça, gênero, sexualidade, deficiência, juventude e longevidade (*Part III–Subjectified Bodies*), assim como por meio de perspectivas como obesidade, medicalização e cientificidade, meio digital, espiritualidade e religiosidade, estética, mediação e comodificação, espetacularização, erotização e punição (*Parte IV–Institutionalized Bodies*).

Partindo desse recorte, este artigo objetiva analisar como os corpos subjativados e institucionalizados são desenvolvidos na coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por Silk, Andrews e Thorpe (2017), em sua relação com a cultura física. A análise de tais capítulos, escritos em língua inglesa, foi orientada por leituras exploratórias (GIL, 2002), tradução e interpretação dos dados acerca dos corpos subjativados e institucionalizados. A partir de então, procedemos à extração qualificada do conteúdo relevante à pesquisa, o qual foi organizado na forma de fichamentos e fichas de análise, contribuindo, assim, para a construção desse artigo.

No decorrer das análises empreendidas, os pressupostos de empiricidade e complexidade das experiências *embodied*<sup>5</sup> no PCS revelaram-se por meio de diversas formas, como a subjetivação e a institucionalização dos corpos. A empiricidade desses processos se reflete, principalmente, na produção de modos de pensamento engendrados em práticas culturais físicas, os quais expressam subjetividades histórica e socialmente produzidas em torno de expectativas de comportamentos e estilos de vida associados a aspectos da fisicalidade dos corpos (MARQUES; MIRANDA; LARA, 2019a). Tais aspectos são orientados a determinados tipos de subjetividade, direcionamento que amplia as possibilidades de lentes analíticas, revelando, portanto, uma faceta da

---

5 A noção de experiências *embodied* é explorada posteriormente nesse trabalho. Contudo, frisamos que essas experiências dizem respeito aos modos como os sujeitos percebem a realidade vivida, por meio do envolvimento de seus corpos com a complexidade e diversidade contextual, uma vez que “o movimento de *embodied* pode ser conceituado como uma prática social que está profundamente entrelaçada com o contexto histórico, sociocultural, político e econômico e relações de poder que moldam a vida cotidiana” (FULLAGAR, 2019, p. 65, tradução nossa).

complexidade dessas experiências. Assim, orientados por uma lente analítico-discursiva, os apontamentos tecidos a seguir ressaltam a estruturação de valores, hábitos, formas de pensar e de agir presentes na subjetivação e na institucionalização dos corpos e, com isso, iluminam instituições<sup>6</sup> sociais que mediam as experiências *embodied* dos sujeitos.

### **A determinação das relações de poder para a subjetivação e a institucionalização dos corpos**

Os eixos temáticos de análise caracterizados por “corpos subjetivados” e “corpos institucionalizados”, na maneira como se apresentam na referida coletânea, fornecem um caminho didático para a realização de análises que visam compreender as formas de investimento do poder social nos modos de pensar e agir dos sujeitos, incidindo, para tanto, em seus corpos. Por meio das categorias subjetivação e institucionalização identificamos formas de investimento de poder que orientam os sujeitos em torno de normativas do corpo ativo e fisicamente capaz (PARKER; WATSON, 2017; HOWE, 2017). Além disso, observamos que tais normativas se constroem em meio ao exercício de instituições culturais físicas, como a mídia, o esporte, a saúde e outros agentes produtores de discursos prescritivos, que exercitam distintos tipos de conhecimentos nas relações intersubjetivas.

Nesse sentido, ressaltamos que as instituições que se envolvem na subjetivação e na institucionalização dos corpos produzem expectativas de comportamento que se manifestam de maneiras distintas no contexto cultural físico. Observamos, com isso, que a subjetivação corporal não ocorre de maneira autônoma, mas, ao contrário, manifesta-se nas relações dos sujeitos com saberes, valores e/ou formas de conhecer e interagir com a realidade. Assim, ressaltamos que a subjetivação corporal se dá por meio das mediações com as instituições nas quais os sujeitos interagem cotidianamente, seja direta ou indiretamente, a partir de seu envolvimento com culturas físicas (cf. EVERS; GERMON, 2017; MCCUAIG; ENRIGHT; MACDONALD, 2017).

Desse modo, diante das análises empreendidas nessa pesquisa, entendemos a subjetivação como formas específicas de pensamento diretamente articuladas à

---

<sup>6</sup> Ao nos referirmos às instituições culturais físicas, neste artigo, tratamos de subjetividades que refletem formas específicas de aprendizado e de interação com a realidade, com o próprio corpo e com as demais coisas, mediadas pelas construções culturais e pelos modos como os diferentes sujeitos se relacionam com elas. Especificamente, entendemos por instituições “[...] todo comportamento mais ou menos coercitivo, aprendido. Tudo que em uma sociedade funciona como sistema de coerção, sem ser um enunciado [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 368).

percepção identitária e de agenciamento individual, constituindo as lentes/filtros por meio das quais os sujeitos percebem e se comunicam com a realidade. Essas formas de pensamento, que refletem, também, esquemas de aprendizagem, são estabelecidas pelas experiências formuladas nas relações entre o corpo e as diversas instituições culturais físicas. No contexto analisado, essas experiências – denominadas nesse artigo como experiências *embodied* – podem ser observadas, por exemplo, nos modos como entendemos a deficiência física em relação à normalidade dos corpos (HOWE, 2017). Nesse direcionamento reflexivo, a subjetivação corporal pode ser percebida em aspectos como a valorização do corpo ciborgue<sup>7</sup> e a desqualificação do corpo deficiente, esteticamente prejudicado, em relação aos padrões de beleza social, ou mesmo a naturalidade com que julgamos o outro como estranho, anormal, percebendo a nós mesmos na proximidade com esse normal e no distanciamento do anormal (HOWE, 2017).

Em termos sintéticos e que se aproximam da provocação feita por Howe (2017), os aspectos citados em relação à deficiência física podem ser expressos pela ausência de reflexividade quanto a elementos cotidianamente presentes em nossas relações sociais. Tais elementos se tornam normais e expressam aspectos de nossa própria subjetividade e identidade pessoal na medida em que passam a significar as experiências *embodied*. Essa naturalização, no entanto, ocorre de modo orgânico nas relações estabelecidas com o outro e com a realidade, como expressão do próprio desenvolvimento psíquico humano (LEONTIEV, 2004; MARTINS, 2013). Todavia, um aspecto negativo dessa naturalização é justamente o distanciamento quanto à reflexividade de aspectos comuns, presentes em nossos cotidianos, e do modo como eles moldam e/ou mediam o contato pessoal com a própria subjetividade.

A normalidade das relações humanas demonstra um caminho em que se pode refletir a institucionalização das subjetividades dos corpos. Nesse sentido, nos contextos esportivo e social – os quais se manifestam no trabalho de Howe (2017) como o contexto cultural físico que subsidia suas análises – observamos que o corpo não-deficiente reflete símbolos do normal que se formulam sob a negação inconsciente da anormalidade do corpo, expressa, nesse caso, pela deficiência física. A instituição aqui

---

<sup>7</sup> O corpo ciborgue, no estudo de Howe (2017), refere-se aos corpos que se utilizam de tecnologias e instrumentos de mobilidade humana, como membros próstéticos e cadeiras de rodas, sendo apresentado em um contexto em que esse tipo de corpo altera as condições de vida, por meio do uso desses implementos para a melhora do desempenho esportivo. Sua crítica é de que a celebração desse tipo de corpo (no contexto esportivo) e sua mediação midiática findam por marginalizar e desqualificar corpos paralímpicos debilitados, gerando uma repercussão social negativa quanto à imagem desses corpos tidos como esteticamente menos ‘sedutores’.

identificada pela normalidade do corpo, no estudo de Howe (2017), tanto quanto nos demais analisados, estabelece aproximações com elementos que apontam, principalmente, para a comercialização dos corpos, ou seja, para um corpo que passa a ser interessante como produto.

A institucionalização de normalidades em torno da fisicalidade contribui para a comodificação dos corpos. Esse fenômeno pode ser observado numa relação proporcional, em que um corpo se torna mais comercializável quanto mais próxima sua fisicalidade se encontra dos símbolos de normalidade (ROWE, 2017; MILLER, 2017a). Os elementos que geram elos entre normalidade física e comercialização dos corpos se apresentam nas análises empreendidas em termos estéticos (COFFEY, 2017), tecnológicos (LUPTON, 2017), político-culturais (CARRINGTON, 2017), nacionais (MILLER, 2017b) e econômicos (CHAWANSKY; ITANI, 2017). Mantendo-nos no exemplo do corpo deficiente, esses elementos emergem por meio da mobilização simbólica de instituições midiáticas em torno de sua forma física, mobilizações essas que enaltecem o corpo em uso de próteses no cenário do esporte de espetáculo e gestam a compreensão do corpo deficiente prejudicado como uma figura anormal, como analisado por Howe (2017). É importante ressaltar, então, o papel da mídia nesse contexto ao enfatizar certas imagens e marginalizar outras, suprimindo identidades e experiências daquelas que são, de fato, marginalizadas e estigmatizadas pelo espetáculo esportivo. Assim, a mídia passa a ser central no estabelecimento de identidade de marcas, significados e valores de produtos e serviços esportivos (SILK, 2011; ANDREWS, 2012).

O capítulo de Rowe (2017) contribui para entendermos a influência da naturalização de determinados valores para a estruturação de subjetividades e a produção social dos símbolos afetos a eles, especificamente ao discutir a mercantilização e a mediação do corpo esportivo, bem como a contribuição das instituições midiáticas. Em seu estudo, Rowe (2017) permite-nos observar como a mídia formula e incita, nos consumidores, valores, hábitos, formas de pensar e de se comportar de modo a aproximá-los do produto a ser comercializado, a saber: a celebridade esportiva. Para a comercialização desse corpo e dessa subjetividade esportiva com atributos próprios, como evidenciado também nos estudos de Carrington (2017), Chawansky e Itani (2017) e Miller (2017a), mobilizam-se valores como resiliência, disciplina, dedicação, produtividade, saúde e sucesso. Tais valores buscam aproximar, midiaticamente, a materialidade da imagem desse corpo célebre da realidade material dos corpos comuns, aumentando seu potencial de atratividade. Um exemplo

objetivo desse tipo de situação no cenário brasileiro é observado no estudo de Andrews, Lopes e Jackson (2015).

Ao analisarem a imagem pública do futebolista Neymar, Andrews, Lopes e Jackson (2015) identificaram sua articulação com a perspectiva neoliberal, especificamente no que diz respeito à noção de individualismo competitivo. Os autores observaram que o discurso da mídia popular constrói representações de sujeitos públicos como sujeitos célebres, cujos atributos individuais (isto é, determinação, força, responsabilidade) forneceram acesso aos benefícios econômicos que demarcam a individualização do sucesso no sistema capitalista neoliberal, independentemente de sua existência e origens sociais. Com essa observação, os autores concluem que Neymar – ou, mais precisamente, sua identidade imagética intertextual e contextualmente construída pela mídia – é um representante, convincente e influente, da conjuntura neoliberal brasileira contemporânea. Os autores apontam os textos publicitários como responsáveis por moldá-lo dessa forma e afirmam que a presença em destaque do jogador de futebol naturaliza agendas e ideologias neoliberais, permitindo que habitem furtivamente a consciência popular, com pouco ou nenhum reconhecimento, ou resistência à sua função politizadora.

Diante dos apontamentos tecidos até aqui é possível observar e refletir acerca das influências das relações sociais de poder na subjetivação e na institucionalização dos corpos. Podemos notar, ainda, o modo como essas relações constituem e mobilizam instituições culturais físicas para a construção de aspectos que associam a fisicalidade dos corpos a uma dimensão simbólica. Tal dimensão se apresenta na esfera cultural e discursiva das relações, mediando as formas de sentir, perceber e interagir com a realidade, bem como os processos de institucionalização dos corpos, uma vez que a proximidade dos símbolos (que privilegiam certos tipos de subjetividade) com uma ou outra instituição cultural física caracteriza os distintos significados mobilizados nesses processos. Diante dessa constatação, propomos, a seguir, algumas reflexões quanto a subjetividades específicas sob as quais se constituem marcadores sociais por meio da subjetivação e institucionalização corporal.

### **Orientando as lentes para relações de gênero, sexo, raça e classe social**

Destacamos, diante do que foi exposto nesse artigo, os principais marcadores sociais – classe, raça, gênero e sexo – como caminhos facilitadores para a aproximação entre os corpos comuns de consumidores e os corpos célebres que mercantilizam a

subjetividade do corpo esportivo. Recortes de gênero e sexo, por exemplo, demonstram como a binariedade historicamente estabelecida em torno do sexo biológico, e atribuída a categorias performativas de gênero dos corpos e de suas relações, é mobilizada para a venda dessa subjetividade. Para isso, instituições culturais físicas de gênero e sexo mobilizam certos símbolos socioculturais em torno de aspectos da fisicalidade masculina, tais como força, virilidade, autocontrole e desempenho, e da feminina que envolve delicadeza, sensualidade, complementariedade e subserviência (EVERS; GERMON, 2017; CHAWANSKY; ITANI, 2017; ROWE, 2017; MILLER, 2017a; MILLER, 2017b).

A partir dos capítulos analisados, observamos as formas como instituições midiáticas, especialmente as jornalísticas, as televisivas e as digitais, ao comunicarem os contextos social e esportivo, constituem-se como locais de hipervisibilidade dos corpos célebres, iluminando aspectos específicos de suas fisicalidades e os envolvendo com símbolos de sucesso, realização pessoal/profissional e ascensão social. Nos termos de Miller (2017a), essa hipervisibilidade orienta-se para a realização de fantasias seculares de sobrevivência e prosperidade, negadas às camadas inferiorizadas da população. Com isso, os atletas tornados celebridades têm as esferas privada, social e profissional da vida mobilizadas para se tornarem símbolos de sucesso e beleza, na interface com outros símbolos (MILLER, 2017a).

Os símbolos construídos em torno do sucesso e da beleza promovidos pela mídia em relação aos corpos esportivos, para além do recorte de gênero e sexo, espetacularizam esses corpos como modelos da falsa realização de promessas político-governamentais e de superação de injustiças sociais. Tal espetacularização busca aproximar esses corpos dos consumidores (MILLER, 2017a), mobilizando, para isso, discursos relacionados ao estilo de vida dos sujeitos (SAFAI, 2017), por exemplo, discursos que são observados na ordem de um projeto de civilização (MCCUAIG; ENRIGHT; MACDONALD, 2017) e/ou colonização dos corpos (LUPTON, 2017).

A relação discursiva identificada entre a comercialização dos corpos e um projeto de civilização e/ou de colonização, por meio dos capítulos analisados, apontam para a materialização de expectativas de sucesso profissional, de realização pessoal e de ascensão social que se estabelecem de diversas maneiras no imaginário social coletivo. As distintas formas de manifestação simbólica desses discursos envolvem os corpos, também, em uma perspectiva de raça, uma vez que esses símbolos retomam discursos de dominação social eugênica, em que as imagens e os valores produzidos e/ou enfatizados pelas instituições midiáticas se orientam à manutenção da supremacia



masculina, branca, heterossexual, nacionalista e burguesa (EVERS; GERMON, 2017; CHAWANSKY; ITANI, 2017; ROWE, 2017; MILLER, 2017a; MILLER, 2017b).

Os símbolos, como observado nesses estudos, convergem na figura do herói nacionalista, forte, viril e romantizado (ROWE, 2017; MILLER, 2017a; MILLER, 2017b;). Tal figura, nessa perspectiva analítica, contrasta com a do atleta negro, como é possível analisar por meio do estudo de Carrington (2017), que evidencia a relação simbólico-discursiva do corpo negro com uma subjetividade servil, submissa, subordinada, invisibilizada, silenciada, impotente e dócil. Essa subjetividade reflete relações político-culturais historicamente estruturadas sob uma conjuntura social colonizadora, em que predomina a cor de pele branca em detrimento das demais. Assim, como espaço inerentemente político e de reflexo social, ambos, esporte e corpo, manifestam os enfrentamentos de força e poder historicamente travados em torno da dominação social dos corpos, como no caso dos projetos destacados.

Para além da materialização simbólico-discursiva de enfrentamentos históricos, constituintes da memória coletiva, e de sua influência em movimentos políticos de valorização da diversidade cultural, o trabalho de Carrington (2017) aponta para o papel catalizador das instituições midiáticas na ressignificação dessas subjetividades, especificamente, sob a perspectiva de uma ‘nova biopolítica racializada’. Essa discussão refere-se à celebração de certos tipos de corpos que turvam outros tipos de corpos e, em uma perspectiva da subjetivação do corpo negro esportivo e de sua institucionalização midiática, esse movimento envolve a hipervisibilidade e a celebração dos corpos negros fisicamente atléticos, bem como a promoção de mitos meritocráticos associados à mobilidade e ascensão social por meio do esporte, além de símbolos relacionados à erotização desses corpos (CARRINGTON, 2017).

Carrington (2017) afirma que a hipervisibilidade de certos tipos de corpos negros turva a realidade dos corpos racializados não focalizados pelos holofotes midiáticos, tornando-os cada vez mais indecorosos e invisíveis, ou, em seus termos, corpos mundanos e descartáveis. A seleção de tipos específicos de corpos negros, midiaticamente comercializáveis, desencadeou, segundo Carrington (2017), estratégias de *marketing* globais integradas a multiplataformas que arquitetam sua comercialização por meio da produção simbólica do corpo atlético negro masculino como sinônimo de força e poder, além de objeto (branco) de desejo sexual. Contudo, observa o pesquisador, essa conjuntura tem gerado um emergente ativismo atlético no sentido de desconstrução dessas associações simbólicas por meio de corpos negros que se utilizam

das plataformas midiáticas para mostrar formulações racializadas de políticas de comercialização dos corpos, como apontado anteriormente.

Andrews (2012) afirma que, no contexto do mercado esportivo, as celebridades do esporte se tornam representações de seres humanos espetaculares. Por vezes, essas celebridades são racialmente identificadas e, de forma explícita – ou mais usualmente, implícita – emergem como agentes sedutores para a unificação de discursos que, embora pareçam celebrar a alteridade racial, reproduzem com eficiência as hierarquias raciais existentes (ANDREWS, 2012).

Diante dessa crítica, ressaltamos que os interesses e os investimentos no corpo ultrapassam a dimensão simbólica, perpassando esferas culturais, políticas, econômicas, tecnológicas, entre outras, que envolvem o corpo em um ordenamento de classe social, como observado por Bairner (2017). O autor busca uma concepção ampliada de classe, compreendendo-a como constituinte das condições de vida dos sujeitos e em associação com as diferentes lutas sociais vivenciadas em meio às relações de força e poder, as quais configuram o envolvimento individual e coletivo com culturas físicas. Por meio dessa compreensão de classe, Bairner (2017) busca analisar e compreender padrões de comportamento dos sujeitos em suas relações com o posicionamento em determinados espaços da estrutura social, tratando, no capítulo analisado, do críquete e dos jogos olímpicos.

Entendemos que as relações analisadas por Bairner (2017) se estruturam por símbolos atribuídos ao corpo e pelo modo como seus significados se apresentam nos distintos espaços sociais, constituindo-se por meio de ambos – símbolos e espaços –, em valores pessoais e/ou coletivos. Assim se configuram hábitos e formas de comportamento tornados comuns e compartilhados pelos sujeitos nesses espaços. Tais hábitos mediam os significados que os símbolos de determinada prática passam a possuir para as pessoas, ou mesmo, para uma determinada cultura física (BAIRNER, 2017). Na mediação dessas relações simbólico-discursivas se estabelecem distintas instituições culturais físicas que estruturam, por exemplo, expectativas de comportamento associadas aos respectivos espaços da cultura física que compõem a esfera social.

Por meio das análises, ao nos atentarmos para o investimento simbólico-discursivo dos corpos em suas relações com as instituições que os caracterizam, qualificando-os a partir das condições em que as relações com a realidade cultural física se estabelecem, observamos que essas expectativas de comportamento codificam, traduzem e atribuem símbolos, significados e valores para os comportamentos dos

corpos. Ao codificar os comportamentos e os hábitos dos corpos, bem como outros aspectos relacionados à fisicalidade, as expectativas de comportamento desempenham papel importante na institucionalização de determinadas subjetividades, papel, este, que se traduz nessa perspectiva reflexiva e na influência para a visibilidade dos corpos em relação à mobilidade e à ocupação de espaços da estrutura social.

Essa influência das expectativas de comportamento na movimentação dos corpos pelos distintos espaços sociais pode ser observada para além da hipervisibilidade de certos tipos de corpos (CARRINGTON, 2017; HOWE, 2017; MILER, 2017b; SAFAI, 2017), pela formação do *habitus*<sup>8</sup> de classe (BAIRNER, 2017), que se constitui como um marcador social estabelecido em correlação com os capitais econômicos e culturais compartilhados pelos sujeitos por meio de suas experiências *embodied*. O *habitus* de classe se apresenta, ainda, como fator determinante do envolvimento dos sujeitos com as diversas formas de manifestação da cultura física, mediando os significados atribuídos a suas experiências nesses envolvimento.

Assim, por meio do estudo de Bairner (2017), entendemos que o *habitus* de classe se constitui nas diferentes experiências do corpo ativo, demandando certo capital cultural que é reconhecido e valorizado de modos específicos e, por vezes, distintos entre grupos. Como exemplo, ressaltamos a análise proposta pelo autor no que se refere às relações observadas entre jogadores amadores e profissionais de críquete em um condado do Reino Unido, em que destaca a extensão da natureza das relações sociais ao contexto esportivo. Com essa extensão, os privilégios dos jogadores amadores, membros da elite social, materializam-se no contexto esportivo, garantindo sua autoridade, dentro do críquete do condado, sobre os jogadores profissionais, os árbitros e os comitês (BAIRNER, 2017).

Bairner (2017) ressalta que os capitães amadores tinham muito poder em benefício próprio, refletindo o poder exercido pelas camadas dominantes sobre as relações em nível social, a exemplo das discussões propostas pelo autor em termos de educação pública e privada, obstáculos para o envolvimento com práticas esportivas ao longo da juventude e vida adulta, formação do *habitus* esportivo e participação no esporte de alto rendimento. No que tange à relação entre *habitus* de classe e

---

8 [...] O *habitus*, como o termo diz, é o que se adquiriu, mas encarnou de modo duradouro no corpo sob forma de disposições permanentes. A noção lembra, portanto, de maneira constante que se refere a qualquer coisa de histórico, que se liga à história individual [...]. Mas porque não dizer hábito? O hábito é considerado espontaneamente como repetitivo, mecânico, automático, mais reprodutivo que produtor [...]. O *habitus* é [...] um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos, mas fazendo-a sofrer uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que “reproduzamos” as condições sociais da nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira tal que não podemos passar simples e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos (BOURDIEU, 2003, p. 140).

subjetivação corporal, nesse contexto de relação de poder e institucionalização das relações sociais e esportivas, Bairner (2017) aponta que os jogadores profissionais, cujas condições de vida dependem da prática esportiva, tendem a ser mais velozes e fortes, tendo esses símbolos associados à subjetividade de trabalhadores manuais; já os amadores se relacionam com o contexto esportivo pela construção das normas de conduta que orientam suas ações nesse contexto e no espaço de jogo.

Portanto, no que tange aos marcadores sociais, observamos como símbolos, valores, comportamentos, instituições e subjetividades estão envoltas por relações de poder que atuam na subjetivação e na institucionalização dos corpos. Especificamente, podemos refletir acerca dos diferentes modos como distintas instituições culturais físicas podem ser mobilizadas na mediação simbólico-discursiva das experiências *embodied* com as práticas culturais físicas. Assim, devido à relevância da consciência a respeito da dimensão *embodiment* do corpo ativo para compreendermos e refletirmos a subjetivação e a institucionalização do corpo – observados em meio a relações de força e poder envolvendo distintas instituições culturais físicas, conforme apontado ao longo deste artigo –, propomos, a seguir, discutir o envolvimento desses dois processos com essa dimensão humana, especialmente por meio do que chamamos de experiências *embodied*.

### **Marcadores simbólicos do corpo e instituições culturais físicas**

Ao analisarmos o envolvimento cultural físico do corpo ativo com instituições que o subjetivam, lançamos luz à sua institucionalização como um caminho para refletir como as estruturas sociais das relações humanas operam na identidade de cada sujeito, especialmente a partir de aspectos diretamente associados à fisicalidade dos corpos. Com base no pressuposto político assumido pelo PCS, reconhecemos que as estruturas das relações sociais se manifestam em um ordenamento hierárquico de forças, orientadas à diferenciação dos sujeitos ou, ainda, à individualização da vida em sociedade (ANDREWS, 2008; SAFAI, 2017; SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

O ordenamento hierárquico e individualizante das forças e das relações cotidianas reformula constantemente as operações internas e externas do corpo, envolvendo-o estrategicamente em saberes exercidos pelas instituições culturais físicas na configuração de expectativas de comportamento. O exercício de expectativas de comportamento sobre o corpo configura-se como estratégia de biopoder, em que as distintas instituições culturais físicas se apresentam com tecnologias e/ou pedagogias

disciplinares, as quais estabelecem diferenças simbólicas que se inscrevem no corpo, demarcando-o e distinguindo-o nos espaços da estrutura social que ele possa vir a ocupar (FOUCAULT, 1999; LUPTON, 2017; MCCUAIG; ENRIGHT; MACDONALD, 2017).

As expectativas de comportamento estabelecem um conhecimento de medição que informa a equalização constante das normativas estabelecidas nos respectivos espaços ocupados pelo corpo, codificando sua fisicalidade de acordo com normas prescritivas presentes nesses espaços e mobilizadas no exercício do biopoder. Isso se dá com a intenção de distinguir e subjetivar o corpo, especificamente ao sujeitá-lo ao exercício de um poder disciplinar normalizador (FOUCAULT, 1999; MARQUES; MIRANDA; LARA, 2019b). Assim, identificamos que a institucionalização corporal reflete formas de investimento político sobre os sujeitos, orientando-os em torno de normativas de comportamento para a construção de subjetividades específicas, as quais refletem, por sua vez, as relações estabelecidas entre eles e as instituições culturais físicas.

Por meio de significados, valores, discursos e práticas, histórica e socialmente produzidos em relação a aspectos da fisicalidade dos corpos e de sua vinculação a comportamentos e estilos de vida (HOWE, 2017; SAFAI, 2017; LUPTON, 2017), as instituições culturais físicas produzem símbolos que modulam formas de pensar e de interagir com os contextos culturais físicos que envolvem o cotidiano de cada sujeito. Essa produção de símbolos associa-se a valores, hábitos e práticas que se inscrevem no imaginário coletivo por meio de formas específicas de “ser corpo”, de manifestar-se e comunicar-se corporalmente e por meio de formas de pensamento que qualificam a individualidade dos corpos a partir dos capitais específicos de cada campo (BOURDIEU, 1989), desvelando a subjetivação corporal por meio das expectativas de comportamento.

Os símbolos produzidos e atribuídos às expectativas de comportamento imbricam-se no simbólico coletivo, possibilitando a distinção, a qualificação, a codificação e o esquadramento dos corpos nos espaços sociais (FOUCAULT, 1999). Nesse sentido, inferimos que o envolvimento da fisicalidade com relações de força e de poder, mediadoras e estruturantes das relações nos espaços da estrutura social, configuram a identidade dos corpos ao subjetivá-los, uma vez que a formulação de representações simbólicas que possibilitam aos sujeitos a identificação com determinados aspectos socioculturais ilumina o corpo como construção cultural, como expressão de signos de representação social por ele apropriados, envolvidos em regras e leis que configuram a cultura na qual pertencem.

Reconhecer no corpo a inscrição de símbolos, regras e leis implica, portanto, reconhecê-lo como construção cultural (LARA, 2011). Nisso, inquieta-nos as operações simbólico-discursivas exercidas pelas instituições culturais físicas no corpo ativo, por meio das experiências *embodied*, incidindo na formulação da identidade dos sujeitos a partir da subjetivação corporal (MARQUES; MIANDA; LARA, 2019a). Diante disso é que propomos um exercício reflexivo a respeito das maneiras como interagimos com os significados atribuídos à fisicalidade e inscritos nas relações socioculturais. Buscamos, com esse exercício, refletir o envolvimento cultural físico das identidades ditas pós-modernas e como ele media a constituição de valores e *habitus* que formulam as lentes e/ou a visão de mundo de cada sujeito (RODRIGUES, 1979), e, com isso, as singularidades e potencialidades de cada identidade.

Ao afirmarmos que as experiências *embodied* mediam os modos como os sujeitos se relacionam com seus corpos e com as realidades interna e externa a eles, buscamos fomentar reflexões quanto a alguns aspectos afetos a essas experiências. Observamos que tais experiências recebem influência simbólica de distintas instituições culturais físicas que operam, precisamente, na construção das identidades culturais pós-modernas. Diante disso, incomoda-nos a influência de formas específicas de aprender a interagir com a realidade, de pensar e de se comportar, associadas a subjetividades fixas e a expectativas de comportamento imutáveis. Tais identidades, como aponta Hall (2006), caracterizam-se pela descentralização do sujeito, deslocando-o, desafixando-o de marcadores como gênero, classe, raça, sexo e nacionalidade, atribuindo movimento às identidades e desvelando, com isso, a necessidade de atenção a sua contextualidade e complexidade.

Hall (2006) cita cinco acontecimentos relevantes para a descentralização do sujeito ao longo do século XX, os quais envolvem: I) o rompimento com as tradições limítrofes do pensamento marxista; II) a formulação freudiana de inconsciente; III) a concepção saussuriana da língua e de sua dimensão multifacetada; IV) a perspectiva histórica do corpo em Foucault; V) as influências do movimento feminista para a concepção do sujeito. Segundo o autor, esses acontecimentos precedem e permitem a emergência das identidades pós-modernas, descentralizadas, ou seja, de identidades marcadas por um caráter aberto, inacabado, fluido, por vezes, contraditório e fragmentário do sujeito. Portanto, foram esses acontecimentos que permitiram a emergência do sujeito pós-moderno e que inscreveram nessa identidade, bem como no tecido sócio-histórico, símbolos que expressam um determinado tipo de subjetividade,

formulada e apreendida pelos sujeitos de maneiras distintas, a partir das experiências *embodied* vivenciadas em suas relações com instituições culturais físicas.

A partir das discussões propostas pelos autores, podemos perceber que se faziam presentes nas experiências *embodied* um poder exercido com maior força sobre a fisicalidade dos corpos. A identificação do exercício desse poder permitiu observar certa finalidade política que orienta a compilação das forças exercidas pelas instituições culturais físicas, como na medicalização do corpo e da saúde coletiva (SAFAI, 2017), em sua comodificação no esporte (ROWE, 2017) e na digitalização da vida (LUPTON, 2017), por exemplo. Com isso, observamos a função política de instituições culturais físicas, a exemplo daquelas relacionadas à saúde, ao esporte e à tecnologia. Mais especificamente, o que colocamos em evidência é a função discursiva de tais instituições e a constituição de símbolos que compõem o tecido sócio-histórico, os quais atuam na construção de efeitos de verdade do imaginário coletivo e que possuem uma função normalizadora (FOUCAULT, 1999; FOUCAULT, 2002).

Foucault (1999) propõe discussões a respeito do funcionamento de um mecanismo de poder disciplinar na sociedade que opera a reforma da banalidade das ações dos sujeitos, agindo nas potencialidades dos corpos e incidindo sobre aquilo que cada um se encontra na iminência de fazer. Esse mecanismo se manifesta por meio de aspectos comuns à vida humana que, por vezes, são ocultos e/ou imperceptíveis, até mesmo desinteressantes, como discutido por Howe (2017). No material analisado, esse poder disciplinar se manifesta num ordenamento que visa manter a hipervisibilidade e a hegemonia de valores, práticas e formas de conhecimento associadas à qualificação do corpo branco, heterossexual, de classe e *status* social elevado, com aspectos da fisicalidade normalizados a partir de formas específicas de beleza, virtuosidade, nacionalismo e capacidade, entre outros aspectos, que orientam reflexões voltadas ao enfrentamento das situações de poder presentes nas instituições culturais físicas.

### **Considerações finais**

Ao explorarmos problemáticas relacionadas aos corpos subjetivados e institucionalizados por meio da coletânea *Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*, organizada por Silk, Andrews e Thorpe (2017), destacamos a presença de símbolos, valores, comportamentos, instituições e subjetividades, culturalmente formulados em meio a relações de força e poder, que constituem experiências *embodied*, as quais se fazem presentes na subjetivação e na institucionalização do corpo ativo. Tais experiências podem ser analisadas, entre outras possibilidades, pelos modos como as

instituições culturais físicas agem sobre o corpo na cotidianidade das relações, como apontado em relação aos corpos deficientes, racializados, generificados, sexuados e diferenciados por classes. Essa orientação analítica leva-nos a questionar a influência da dimensão *embodied* do corpo ativo na existência e na própria identidade de cada sujeito.

Frente às temáticas da subjetivação, da institucionalização corporal e de marcadores e/ou acontecimentos que permitem a identificação dos sujeitos com determinada forma de pensamento, atentamo-nos à observação de que a descentralização do sujeito ilumina, para o pesquisador, a necessidade de analisar contextualmente o indivíduo pós-moderno. Com a descentralização, há um rompimento explícito de noções identitárias fixas expressas no entendimento de gênero, sexo, raça e nacionalidade. Isso leva-nos a atentar para o entendimento de que as características do sujeito pós-moderno são constituídas em relações polarizadas, com significados múltiplos atribuídos a um mesmo elemento identitário, a exemplo das diferentes formas de conhecer e de enfrentar as questões afetas ao sexo e ao gênero do corpo (CHAWANSKY; ITANI, 2017; EVERS; GERMON, 2017; MILLER, 2017a; MILLER, 2017b).

Os elementos identitários que permitem a identificação dos sujeitos com a cultura física na qual se inserem também possuem significados diversos, cada vez mais fluidos e fragmentados na pós-modernidade, cuja polissemia exige uma atenção e um cuidado por parte dos pesquisadores, especialmente ao mobilizá-los como categorias de caracterização dos sujeitos. Essa preocupação se apresenta nos trabalhos analisados, por exemplo, quando Bairner (2017) propõe ampliar a compreensão de classe social, buscando englobar determinantes das condições do estilo de vida dos sujeitos para além da esfera econômica, ou ainda, quando Evers e Germon (2017) apontam a construção da complementariedade de gênero, estabelecida pelo dimorfismo sexual distintivo dos corpos humanos, a serviço da naturalização de tradições e do reforço de hierarquias sociais.

Em termos de experiências *embodied*, a preocupação com a singularidade e a pluralidade que permeiam a identificação simbólica dos corpos com a cultura física pode ser observada na ênfase atribuída pelos autores a figuras como o boxeador Muhammad Ali (CARRINGTON, 2017), a futebolista Abby Wambach (CHAWANSKY; ITANI, 2017) e o nadador Ian Thorpe (MILLER, 2017a). Tais personalidades, ao ocuparem fisicamente os espaços esportivos e midiáticos, provocaram transformações em nível das instituições culturais físicas e dos símbolos e signos produzidos por elas a respeito da fisicalidade dos corpos negros, feminino,



homoafetivos. Essa perspectiva dos autores sobre as experiências vividas pelo corpo dos atletas citados, demonstra um caminho para aprofundar questões referentes à dimensão *embodied* do corpo, uma vez que ela ainda se apresenta de modo turvo nos Estudos Culturais Físicos (LARA; RICH, 2017).

Atentamos para o reconhecimento de investimentos políticos na produção de subjetividades orientadas a tipos específicos de corpos, cuja fisicalidade se associa a modos engessados de “ser corpo” e de se relacionar com a realidade. Isso ilumina o enfrentamento estabelecido entre as normativas sociais e as expectativas de comportamento com a fisicalidade dos corpos às quais se destinam. Além disso, as expectativas de comportamento se estendem à diferenciação marginalizada dos corpos que não atendem a ela, como nos casos da comparação entre o corpo “normal” e o fisicamente deficiente, ou ainda, no controle e na regulação das possibilidades de descoberta do próprio corpo e da realidade, a exemplo das propostas de comportamentos ditos civilizatórios para a educação de crianças e jovens (MCCUAIG; ENRIGHT; MACDONALD, 2017) e dos hábitos de consumo e estilos de vida incitados nos corpos longevos (PHOENIX, 2017) e gordos (GARD, 2017).

É importante mencionar que essas expectativas de comportamento se constroem pelo envolvimento dos corpos com novas tecnologias disciplinares, as quais geram frequentemente dados digitalizados e atualizados sobre os corpos em sua integralidade de relações, desde a espiritualidade até comportamentos mais gerais, associados à dinâmica cotidiana, como hábitos de consumo e padrões de comportamento de saúde (LUPTON, 2017). Ressaltamos que esses elementos passam por formulações construídas em dimensões da estética da fisicalidade, orientadas à espetacularização das formas físicas, à celebração da normalidade e a sua comercialização, sob rótulos científicos e sensuais, configurando supervalores sociais, a exemplo do estigma da saúde construído em nossa sociedade medicalizada e de como as expectativas de comportamento levam à adoção de determinadas práticas e discursos, associados ao estilo de vida saudável (SAFAI, 2017).

Em nossa sociedade, a punição corporal compreende um imperativo para se chegar ao comportamento adequado e concretizar a função normalizadora das instituições culturais físicas hegemônicas (MILLER, 2017b), punição essa escamoteada sob estigmas de autodisciplina e crescimento pessoal, a exemplo do paradigma da epidemia da obesidade (GARD, 2017), ou mesmo da busca contínua por bem-estar e qualidade de vida (SAFAI, 2017): modos de pensamento e de comportamento amplamente disseminados pelas instituições culturais físicas em plataformas de

comunicação, nesse caso, na forma de discursos de hipervalorização da saúde. Diante disso, ressaltamos a necessidade de atentar para o plano de fundo político-estratégico sob o qual se formam as instituições culturais físicas que mediam as relações individuais e culturais com os corpos e com a realidade, uma vez que operam na identidade dos sujeitos e da própria sociedade, incidindo em suas potencialidades políticas.

## Referências

- ANDREWS, D. Kinesiology's inconvenient truth and the physical cultural studies imperative. *Australia, Quest*, v. 60, n. 1, p. 45-62, 2008.
- ANDREWS, D. Reflections on communication and sport: on celebrity and race. *Communication & Sport*, v. 1, n. 1, p. 151-163, 2012.
- ANDREWS, D.; LOPES, V.; JACKSON, S. Neymar: sport celebrity and performative cultural politics. In MARSHALL, P.; Redmond, S. (eds.). *A companion to celebrity*. New Jersey, John Wiley & Sons, Inc., p. 421-439, 2015.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 3 ed. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- BAIRNER, A. Classed bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 121-129, 2017.
- CARRINGTON, B. Raced bodies and black cultural politics. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 130-140, 2017.
- CHAWANSKY, M.; ITANI, S. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 150-158, 2017.
- COFFEY, J. Aestheticized bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 218-227, 2017.
- EVERS, C.; GERMON, J. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 141-149, 2017.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2005.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FULLAGAR, S. A physical cultural studies perspective on physical (in) activity and health inequalities: the biopolitics of body practices and embodied movement. *Tempos e Espaços em Educação, Sergipe*, v. 12, n. 28, p. 63-76, 2019. Disponível em

<<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/10161>>. Acesso em 11 de junho de 2020.

GARD, M. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 228-236, 2017.

GIARDINA, M.; NEWMAN, J. What is this 'physical' in physical cultural studies?. *Sociology of Sport Journal*, New Zealand. v. 28, n. 1, p. 36-63, 2011. Disponível em <[https://journals.humankinetics.com/view/journals/ssj/28/1/article-p36.xml?tab\\_body=contributorNotes-6615](https://journals.humankinetics.com/view/journals/ssj/28/1/article-p36.xml?tab_body=contributorNotes-6615)>. Acesso em 11 de junho de 2020.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOWE, D. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 159-166, 2017.

INGHAM, A. G. Toward a department of physical cultural studies and an end to tribal warfare. In J. FERNANDEZ-BALBOA (Org.). *Critical postmodernism in human movement, physical education, and sport*. Albany: State University of New York Press, p. 157-182, 1997.

LARA, L. *Corpo, sentido ético-estético e cultura popular*. 21. ed. Maringá: Eduem, 2011.

LARA, L. M.; RICH, E. Os estudos de cultura física na Universidade de Bath-Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade. *Movimento*, Rio Grande do Sul. v. 23, n. 4, p. 1311-1324, 2017. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/74326>>. Acesso em 11 de junho de 2020.

LARA, L. M. et al. Resenha de Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília. v. 41, n. 2, p. 229-230, 2018. Disponível em <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328918300702>>. Acesso em 11 de junho de 2020.

LARA, L. M. Pesquisa e ensino em corpo, cultura e ludicidade em tempos de adversidades. In L.M. LARA; B.R. LOPES; V.F.M. SOUZA (Orgs.). *Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade*. Maringá, GPCCL, p. 59-66, 2019. Disponível em: <<http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISSimpósioEstudosCulturaisEF2019.pdf>>. Acesso em 11 de junho de 2020.

LEONTIEV, A. *O desenvolvimento do psiquismo*. 2. ed. São Paulo: Moraes, 2004.

LUPTON, D. Digital bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 200-209, 2017.

MARANI, V. H. O (re)conhecimento do corpo nos estudos culturais físicos: a pesquisa (in)corporada como meio para a visibilidade social. In L.M. LARA; B.R. LOPES; V.F.M. SOUZA (Orgs.). *Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade*. Maringá, GPCCL, p. 35-42, 2019. Disponível

em:

<<http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISSimpSioEstudosCulturaisEF2019.pdf>>. Acesso em 11 de junho de 2020.

MARQUES, J. P. Experiências do corpo nos estudos culturais e saberes formativos na educação física: subjetivação, institucionalização, saúde e disciplina. In L.M. LARA; B.R. LOPES; V.F.M. SOUZA (Orgs.). *Simpósio estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade*. Maringá, GPCCL, 2019, pp 125-133. Disponível em:

<<http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISSimpSioEstudosCulturaisEF2019.pdf>>. Acesso em 11 de junho de 2020.

MARQUES, J. P.; MIRANDA, A. C. M.; LARA, L. M. *Dimensões dos corpos subjetivados na obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*. XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Natal, 2019a. Disponível em:

<<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/12086/6443>>. Acesso em 11 de junho de 2020.

MARQUES, J. P.; MIRANDA, A. C. M.; LARA, L. M. *Corpos subjetivados e institucionalizados: um estudo da cultura física na obra Routledge Handbook of Physical Cultural Studies*. Encontro Anual de Iniciação Científica. Maringá, 2019b. Disponível em <http://www.eaic.uem.br/eaic2019/anais/artigos/3689.pdf>. Acesso em 11 de junho de 2020.

MARTINS, L. Contribuições da psicologia histórico-cultural para a pedagogia histórico-crítica. São Paulo: HISTEDBR, v. 13, n. 52, p. 286-300, 2013.

MCCUAIG, L.; ENRIGHT, E.; MACDONALD, D. Young bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 167-178, 2017.

MILLER, T. Spectacular and eroticized bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 257-264, 2017a.

MILLER, A. Punished corporal bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 257-264, 2017b.

PARKER, A.; WATSON, N. Spiritualized and religious bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 209-217, 2017.

PHOENIX, C. Ageing bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 179-188, 2017.

RODRIGUES, J. C. *Tabu do corpo*. 18. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

ROWE, D. Mediated bodies and commodified bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 237-245, 2017.

SÁ, A. B. S. Physical Cultural Studies: reflexões acerca da produção de conhecimento em mídia esportiva. In L.M. LARA; B.R. LOPES; V.F.M. SOUZA (Orgs.). *Simpósio*

*estudos culturais na educação física: 15 anos de pesquisa em corpo, cultura e ludicidade*. Maringá, GPCCL, p. 134-140, 2019. Disponível em: <<http://www.def.uem.br/arquivos/documentos/ANAISSimpSioEstudosCulturaisEF2019.pdf>>. Acesso em 11 de junho de 2020.

SAFAI, P. Medicalized and scientized bodies. In SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, p. 191-199, 2017.

SILK, M. Towards a Sociological Analysis of London 2012. *Sociology*, v. 45, n. 5, p. 733-748, 2011.

SILK, M.; ANDREWS, D.; THORPE, H. (Orgs.). *Routledge handbook of Physical Cultural Studies*. London and New York: Routledge International Handbooks, 2017